

TECNOLOGIAS DIGITAIS: HERANÇAS POSITIVAS E NOVOS CAMINHOS DE APRENDIZAGEM NO PÓS-PANDEMIA

DIGITAL TECHNOLOGIES: POSITIVE BEQUEST AND NEW LEARNING PATHS IN THE POST-PANDEMIC

TECNOLOGÍAS DIGITALES: HERENCIA POSITIVA Y NUEVAS VÍAS DE APRENDIZAJE EN LA POST-PANDEMIA

Aretusa de Oliveira Bitencourt¹

Jadson Santos Nascimento²

Maria Gabriela Campos da Silva³

Emanuela Cardoso Silva⁴

Ricardo Matos Santana⁵

¹ Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Especialista em Docência na Saúde, Especialista em Educação em Saúde, Docente do Departamento de Ciências da Saúde da UESC, na Graduação de Enfermagem e na Pós-Graduação lato sensu em Saúde Escolar. Coordenadora do Laboratório de Educação e Comunicação na Saúde - LABEDUCOM do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Metodologias na Enfermagem (Nepemenf). Coordenadora do Núcleo Jovem Bom de Vida – NJBV. Coordenadora do projeto de ensino Educação na Saúde: Desenvolvendo as Competências e Habilidades Educacionais de Graduandas de Enfermagem. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação – GEPeCE, do CNPq. E-mail: aomartins@uesc.br. ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-9053-4740>

² Enfermeiro, Comunicólogo, Mestre em Ciências da Saúde. Especialista em Enfermagem em Geriatria e Gerontologia. Colaborador externo do Laboratório de Educação e Comunicação na Saúde-LABEDUCOM, do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Metodologias na Enfermagem (Nepemenf). Colaborador Externo do Núcleo Jovem Bom de Vida da UESC. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação – GEPeCE, do CNPq. E-mail: jadson-nascimento@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5277-4911>

³ Graduanda de Enfermagem da UESC. Discente voluntária no Núcleo Jovem Bom de Vida - NJBV, Laboratório de Educação e Comunicação na Saúde-LABEDUCOM do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Metodologias na Enfermagem (Nepemenf). Bolsista do projeto de ensino Educação na Saúde: Desenvolvendo as Competências e Habilidades Educacionais de Graduandas de Enfermagem. E-mail: mgsilva.efe@uesc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6531-3014>.

⁴ Enfermeira, Doutora em Ciências, Mestre em Saúde Coletiva, Estomaterapeuta, Especialista em Docência na Saúde, Docente Assistente do Departamento de Ciências, da Saúde da UESC. E-mail: ecsilva@uesc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3246-1691>

⁵ Enfermeiro, Doutor em Ciências, Mestre em Enfermagem, Especialista em Saúde Pública, Especialista em Auditoria de Sistemas de Saúde, Docente do Departamento de Ciências da Saúde da UESC, na Graduação e na Pós-Graduação stricto sensu em Enfermagem. Coordenador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Metodologias na Enfermagem (Nepemenf), tendo sob sua responsabilidade o Laboratório de Gestão de Enfermagem e Saúde. Docente colaborador do projeto de ensino Educação na Saúde: Desenvolvendo as Competências e Habilidades Educacionais de Graduandas de Enfermagem. E-mail: ricmas@uesc.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5425-1639>

Resumo: Estudo que teve como objetivo refletir sobre as heranças positivas e os novos caminhos de aprendizagem, utilizando as tecnologias digitais, que foram evidenciados em decorrência da pandemia provocada pela COVID 19 e que ficarão no pós-pandemia, a partir da disciplina educação e comunicação na saúde, da graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo e abordagem qualitativa. A técnica de coleta de dados utilizada foi observação participante descritiva e princípios da análise documental. Como cenário, a graduação em enfermagem da UESC, localizada em Ilhéus-Ba e os sujeitos foram os discentes matriculados na referida disciplina no período entre 2020 e 2022. Os resultados indicam que a pandemia possibilitou a aproximação e conhecimento das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC e que algumas podem ser mantidas no presencial com ganhos para os processos de aprendizagem, tais como: *Google Classroom*, *Google Docs*, *Google Form*, *Google Meet*, *Telegram*, Produção de audiovisual e *Instagram*. Não se pode abandonar e ignorar as heranças positivas da pandemia. Estas devem ser para preencher as lacunas que já existiam antes e que se tornaram ainda mais evidentes.

Palavras-chave: Educação. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Pós-pandemia. Enfermagem.

Abstract: Study that aimed to reflect on positive inheritances and new ways of learning, using digital technologies, which were evidenced as a result of the pandemic caused by COVID 19 and which will remain in the post-pandemic, from the discipline of education and communication in health, from the graduation in nursing of the State University of Santa Cruz – UESC. This is an experience report, with a descriptive character and a qualitative approach. The data collection technique used was descriptive participant observation and principles of document analysis. The scenario was the undergraduate nursing course at UESC, located in Ilhéus - Ba and the subjects were the students enrolled in that discipline in the period between 2020 and 2022. The results indicate that the pandemic enabled the approximation and knowledge of digital information and communication technologies - DICT and that some can be kept in person with gains for the learning processes, such as: *Google Classroom*, *Google Docs*, *Google Form*, *Google Meet*, *Telegram*, Audiovisual Production and *Instagram*. The positive legacies of the pandemic cannot be abandoned and ignored. These must be to fill in the gaps that already existed before and that have become even more evident.

Keywords: Education. Digital Information and Communication Technologies (DICT). Post-pandemic. Nursing.

Resumen: Estudio que tuvo como objetivo reflexionar sobre los legados positivos y las nuevas formas de aprender, utilizando las tecnologías digitales, que se evidenciaron a raíz de la pandemia provocada por el COVID 19 y que permanecerán en la pospandemia, desde la disciplina educación y comunicación en salud, del curso de pregrado en enfermería de la Universidad Estatal de Santa Cruz – UESC. Se trata de un relato de experiencia, con carácter descriptivo y enfoque cualitativo. La técnica de recolección de datos utilizada fue la observación participante descriptiva y principios de análisis de documentos. El escenario fue el curso de graduación en enfermería de la UESC, con sede en Ilhéus-Ba y los sujetos fueron los alumnos matriculados en esa disciplina en el período comprendido entre 2020 y 2022. Los resultados indican que la pandemia permitió la aproximación y el conocimiento de las tecnologías digitales de la información y la comunicación - TDIC y que algunas pueden mantenerse de manera presencial con ganancias para los procesos de aprendizaje, tales como: *Google Classroom*, *Google Docs*, *Google Form*, *Google Meet*, *Telegram*, Producción Audiovisual e *Instagram*. Los legados positivos de la pandemia no pueden ser abandonados e ignorados. Estos deben ser para llenar los vacíos que ya existían antes y que se han vuelto aún más evidentes.

Palabras-clave: Educación. Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC). Post-pandemia. Enfermería.

O Dia em que a Terra Parou

O ano era 2020, e os noticiários da *Mass media* pareciam estar voltados para um único acontecimento, a disseminação a nível mundial do vírus SARS-CoV-2 responsável pela manifestação clínica patológica em humanos, denominada de Covid-19 (BUTANTAN, 2020), levando ao então diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus a declarar que o mundo estava diante de uma pandemia. (OPAS, 2020)

Se em relação à saúde a OMS declarava se tratar de um caso de emergência de saúde pública de importância internacional (OPAS, 2020), o impacto dessa nova e repentina realidade foi significativa em todos os setores da engenharia social, inclusive no âmbito da educação, onde entre tantos dilemas, um se expressava como central: a necessidade de dar continuidade a uma curricularização proposta e como fazer isso acontecer? (INEP, 2021) (UNESCO, [s.d.]

Como manter os prazos propostos no ano-calendário das instituições de ensino, diante de uma realidade de instituições com portas fechadas, discentes e docentes em seus lares, tudo isso acontecendo da noite para o dia sem termos ideia do que fazer (GOEDERT; ARNDT, 2020). Mas o tempo, que como Cazuzu interpreta, “não para”, foi tornando a situação ainda mais difícil, forçando a uma sociedade tomada pelo medo, a pensar em estratégias de manter o ideário de rotina social. Pois então, não se tinha nem a perspectiva de quando tudo poderia voltar ao que se chamava de normal.

Já que a principal forma de contenção do avanço da referida pandemia era o isolamento social, denominado de quarentena, onde todos deveriam ficar trancafiados em suas residências, delas só saindo quando estritamente necessário (FERRARI E CUNHA, 2020), só haveria um jeito de dar continuidade no processo de educação institucionalizada.

A instituição de ensino que ao longo de centenas de anos se acostumou a ser espaço físico, fixado em território geográfico determinado para esse único fim (MORAN, 2007), deveria demolir os alicerces de sua estrutura física e rígida para pedir licença para adentrar aos lares de professores e alunos com um único propósito, dar continuidade ao processo de educação. Sim, se até então os alunos e professores deveriam ir à escola, agora estava-se diante do processo inverso, era a escola que teria que ir até os alunos e é exatamente aqui, nesta estratégia de alcance da informação vendida sobre o título de educação, que diversos outros problemas começam a surgir.

O primeiro seria, como que essa escola tão acostumada com uma estrutura rígida iria caber dentro de uma estrutura mais informal e por vezes mais aconchegante denominada de

lares? O segundo seria como a escola entraria na casa dos discentes e docentes? Por fim, qual o limite de tudo isso, até onde esse mesmo espaço é casa e até onde é área de trabalho ou estudo? Não tenha dúvidas, o desafio era imenso, assustador!

Vamos lá... Quando nesse texto se expõe que o primeiro problema seria a rigidez estrutural de uma instituição educacional, ainda existe algo a se destrinchar, porque, de fato, a escola em seu modelo bancário de transmissão de conhecimento é rígida e hierarquizada. Mas dentro desse contexto irão existir áreas da educação que vão expressar essa rigidez de maneira quase que obrigatória na proposta de ensino, de forma extremamente legitimada nas diversas esferas da sociedade, como por exemplo, a área da saúde.

Como garantir uma educação profissional de qualidade para um futuro enfermeiro, médico, fisioterapeuta em meio à estrutura informal dos lares, onde não há laboratórios, corpos, instrumentos, ferramentas, vivências clínicas que funcionam como metodologias de ensino aprendizado fundamentais no processo de aprendizagem desse futuro profissional?! Talvez, de relance, pareça algo pouco importante, mas não é. Estamos aqui diante do mesmo questionamento de entrar em um carro cujo motorista aprendeu a dirigir lendo apenas livros sobre como ser um bom motorista, mas nunca se quer ligou um carro antes! Entende?

Justamente por isso, é que órgãos de representatividade da enfermagem como o Conselho Federal de Enfermagem e Associação Brasileira de Enfermagem já há alguns anos vinham lutando contra a proposta mercadológica de algumas instituições privadas de ensino superior em relação ao curso de enfermagem na modalidade EAD através, por exemplo, do apoio na elaboração do Projeto de Lei 2891/2015 e do Projeto de Lei 1171/2019.

Diante disso, imagine como aceitar essa nova realidade foi ainda mais difícil para os cursos de enfermagem em diversas instituições espalhadas pelo país. Não havia mais escolas, laboratórios e nem campo de prática, uma vez que quem se responsabilizaria pela vida dos discentes e docentes nos ambientes hospitalares que agora estavam superlotados por conta de vítimas da nova pandemia extremamente mortal?! Era apenas o aluno e o professor cada um em suas respectivas casas e conteúdo teórico como material didático.

Em meio à situação da pandemia, parecia não ter jeito, a não ser se render ao ensino em ambientes não tidos como tradicionais. E é aí que nos deparamos com o segundo problema. Uma vez que não tem para onde fugir, como que a instituição de ensino irá entrar nas casas dos discentes e docentes? Só existiria uma forma de acontecer: fazendo uso dos meios de comunicação. Sim, isso mesmo, os mesmos meios de comunicação que às vezes não eram vistos com bons olhos nas instituições de ensino (MORAN, 2007), passam a permitir

que as instituições de ensino entrem nos lares. Mas também existia aqui certa troca de desafetos, a ideia a princípio também não foi vista com bons olhos não.

O celular que em alguns casos estava sendo proibido na sala de aula, como Valente (2018) já havia sinalizado, agora teria que se tornar a principal estratégia de aula?! De fato, esta era a realidade.

Mas como nem todo amor se dá à primeira vista, todo esforço se fazia necessário em prol de um objetivo bem maior. “Tivemos que procurar em primeiro lugar visualizar nossa aceitação para com o novo, aceitar novas propostas de trabalho para que posteriormente trouxéssemos a colaboração e empatia dos professores para o uso dessas ferramentas tecnológicas” (PALÚ; SCHÜTZ; MAYER, 2020, p. 238). E de repente os computadores e celulares passam a ser a principal ferramenta de possibilidade da continuidade do ensino institucionalizado em meio à pandemia. Porém, dizem que o diabo mora nos detalhes, e em se falando de uso de tecnologias, detalhes são o que não faltam. Modelo de celular ou computador, tipo de software, sistema ou aplicativo e por fim, saber usá-los. Um caos, simples assim.

Mas como a Química diz através de um de seus princípios que todo desequilíbrio tende ao equilíbrio (ATKINS e JONES, 2006), aos poucos e com o tempo, tudo foi se tornando mais tolerável. Desculpa, mas não há outro termo para explicar a aceitação de aulas puramente expositivas de longa duração por uma tela de celular. Tornou-se mais tolerável, porque aprendeu-se a manusear um pouco melhor as ferramentas de comunicação, mas era notório que o modelo de educação bancária não cabia na tela de um celular.

Situação que fez refletir o relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, proposto a UNESCO em 2010, que defende que a educação deve adaptar-se constantemente às mudanças sociais, sem negligenciar as vivências, os saberes básicos e os resultados da experiência humana (DELORS et al., 2010). E é nesse momento, que a narrativa da vida começa a ficar interessante. Porque se começa a perceber a necessidade de novas formas de transmissão de conteúdo. Não era apenas necessário saber utilizar a tecnologia colocando-a para funcionar, mas a mesma deveria funcionar com o encantamento necessário a prender a atenção e o interesse do público destinado, os discentes.

Assim, as metodologias ativas em suas diversas formas, tornaram-se imprescindíveis para o contentamento e captação dos discentes espalhados, por salas, quartos, cozinhas, banheiros, ônibus, trabalho ou qualquer outro ambiente que concorra fortemente com a atenção do educando. Artifícios metodológicos como gamificação, lives, vídeos, se tornaram

cada vez mais presentes na tentativa de reduzir a monotonia da aula expositiva e aos poucos uma nova realidade começou a construir um protótipo de uma sala de aula mais ampliada por meio das tecnologias.

Até mesmo pela sobrevivência da espécie humana, a pandemia teria de acabar um dia e a grande maioria ansiava pelo momento de voltar para o espaço físico das instituições escolares. Fazendo uma alusão ao Mágico de Oz: “Não há lugar melhor do que a nossa sala de aula!” E de fato não há. E esse dia chegou... Mas pôde-se notar algo diferente nas salas de aula. Como diria Lulu Santos “Nada do que foi será; De novo do jeito que já foi um dia; Tudo passa, tudo sempre passará; ... Tudo que se vê não é; Igual ao que a gente viu há um segundo; Tudo muda o tempo todo no mundo”.

E a nossa sala de aula mudou, é como se cada tela de celular e computador, tv e outros meios de comunicações passassem a serem vistos como janelas que possibilitam a entrada para outros ambientes além do quadrado físico delimitado nas quatro paredes da sala de aula (SANTOS; RIBEIRO; CARVALHO, 2020). Digamos que seria uma espécie de sala de aula ampliada... Os nossos discentes também mudaram (e como mudaram). Tornaram - se ainda mais autônomos na busca dos dados expostos aleatoriamente em uma extensa rede cibernética, aprendendo a transformá-los em conhecimento ou ao menos informação.

Fato é que não dá para, simplesmente, voltar a ser como era antes, porque nada está igual, e nada será igual ao que já se passou. Não se pode negar tudo o que foi aprendido, trancar dentro de um baú e empurrá-lo para baixo da cama, como se nada daquilo servisse. Não temos como justificar que o celular ou o computador, por exemplo, não pode estar na sala de aula porque eles foram a sala de aula durante dois anos de pandemia.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as heranças positivas e os novos caminhos de aprendizagem, utilizando as tecnologias digitais, que foram evidenciados em decorrência da pandemia provocada pela COVID 19 e que ficarão no pós-pandemia, a partir da disciplina educação e comunicação na saúde, da graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo e abordagem qualitativa.

Segundo Gaya e Gaya (2018, p. 19) o relato de experiência é “um relatório que descreve de forma clara, simples, detalhada e fiel uma dada experiência (um caso) capaz de produzir conhecimentos passíveis de contribuir de forma relevante para a área da atuação”. Este pode evitar que acontecimentos da prática não se percam por falta de documentação como é muito comum nas práticas docentes. (DYNIEWICZ, 2014)

A técnica de coleta de dados utilizada foi a observação participante descritiva a qual, segundo Minayo (2013), permite o registro livre, desde que mantenha o foco do objeto do estudo. Também foram utilizados princípios da análise documental, a partir do plano de ensino e do módulo de aprendizagem da disciplina, disponibilizados no site da UESC. O cenário foi a graduação em enfermagem da UESC, localizada em Ilhéus-Ba e os sujeitos foram os discentes matriculados na referida disciplina no período entre 2020 e 2022 (em andamento).

O Dia Depois de Amanhã

Então, depois de dois anos... Já conhecemos as dores e os estragos que ficaram. Mas, é preciso ter em mente que não foram dois anos desperdiçados. Precisamos refletir sobre o que aprendemos de positivo e como poderemos aproveitar nesse novo ciclo que estamos começando. “Apesar das marcas negativas, o momento está sendo um divisor de águas no cenário educacional. Novas descobertas, novo lugar para a cultura digital, dessa vez, mais presente dentro da sala de aula.” (SOUZA et. al., 2022, p. 9)

A “imposição” do ensino remoto obrigou até os mais céticos a inserirem a tecnologia nos seus processos pedagógicos. Mas, não podemos incorporar as inovações pedagógicas mediadas por tecnologias, apenas, em situações limite tais como a falta de recursos econômicos, guerras ou pandemias. (SANTOS, 2021)

Até porque, muito antes da pandemia já era gritante a evidência de que os estudantes preferem ler nas telas e que buscam as resoluções para os problemas em redes sociais, tutoriais *on-line* ou mesmo vídeos no *Youtube*. Em 2018, Valente já afirmavam a necessidade urgente de que a sala de aula precisava ser mais coerente com as ações do cotidiano, as quais já vinham sendo cada vez mais mediadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). E de como “a sala de aula está completamente fora de sintonia com o resto da sociedade, especialmente em relação aos seus alunos”. (VALENTE, 2018, p. 20)

O que apresentaremos a seguir são reflexões acerca das heranças positivas e dos novos caminhos de aprendizagem, utilizando as tecnologias digitais, que foram descobertos em decorrência da COVID 19 e que ficarão no pós-pandemia, a partir da experiência da disciplina educação e comunicação na saúde, da graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

Para tanto, é preciso contextualizar os ajustes pedagógicos que foram necessários para o desenvolvimento no formato não presencial. E estes foram feitos em três formatos: um

adaptado para o chamado **trimestre letivo excepcional**, um para os **semestres letivos não presenciais** e outro para a **retomada do presencial**.

O trimestre letivo excepcional foi o maior desafio, uma vez que era o primeiro momento de aulas on-line da história do curso. E, embora a educação à distância – EAD não seja uma novidade, é objeto de constantes debates quando desenvolvidas no contexto dos cursos de saúde e em especial da graduação de enfermagem.

A Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn e Conselho Federal de Enfermagem - COFEN vem lutando nos últimos anos buscando impedir a autorização de cursos de enfermagem na modalidade EAD. De repente, nos deparamos com a necessidade de adotar um formato não presencial que, embora seja distinto, está no imaginário coletivo como EAD.

Esta situação causou muitas angústias entre docentes e discentes, uma vez que precisamos lidar com um formato que alguns de nós temos restrições ideológicas; não foi uma escolha deliberada fazer parte de um curso não presencial; além dos desafios de lidar com novas tecnologias para as quais não estávamos preparados naquele momento. Tudo isso, associado aos aspectos psicoemocionais inerentes ao contexto pandêmico tais como distanciamento social, medo, ansiedade, incerteza e perdas.

Não se pode deixar de destacar ainda, que foi preciso adaptar uma disciplina de 60h que era ministrada em um semestre, para um trimestre (metade do tempo), levando em consideração tudo o que estávamos aprendendo em diversos cursos, tais como: síncrono e assíncrono; tempo máximo de exposição à tela; refrão da aula; utilização de diversos formatos de fontes (vídeos, podcast, textos, etc); habilidades socioemocionais, dentre tantas outras.

Considerando que o objetivo principal da disciplina é “subsidiar o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho do papel educacional do enfermeiro utilizando o processo de enfermagem como ferramenta pedagógica para o cuidar” (Bitencourt; Santana; Guerreiro, 2018, p. 19), o que os discentes precisam aprender, prioritariamente é a desenvolver ações educativas utilizando o processo de enfermagem. E para tanto, precisam elaborar um projeto educacional, eis que surgiu como estratégia a Aprendizagem Baseada em Projetos - ABP.

No primeiro formato, adaptado para o **trimestre letivo excepcional**, cada discente precisou desenvolver um projeto educacional com sua família, dentro da sua casa, uma vez que a pandemia não permitia aglomerações. Cada encontro síncrono era de orientação coletiva para discutir o andamento do projeto educacional utilizando o processo de enfermagem e os assíncronos para coletar informações, pesquisar, documentar, implementar e avaliar.

Os projetos foram desenvolvidos articulando o Laboratório de Educação e Comunicação - LABEDUCOM do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Metodologias de Enfermagem - NEPEMENF e o projeto de Ensino Educação na Saúde: Buscando as Competências e Habilidades do Enfermeiro Educador. De modo que foi possível contar com bolsista de ensino e de extensão para acompanhar os projetos e desenvolver cursos de extensão complementares, quando necessário. Para tanto, foram utilizados o *telegram* (que já utilizávamos desde 2016), *Classroom*, o *Google Meet*, o *Google Doc*, o *Google Form*.

O desenvolvimento destes projetos nos domicílios possibilitou o envolvimento das famílias naquele momento de aprendizagem tão difícil para os discentes. Esta experiência, ainda possibilitou a inusitada interação da docente com os familiares dos discentes, algo incomum no ensino superior e que foi muito salutar naquela circunstância.

Apesar de todos os contratempos que são inerentes a um processo novo e é possível afirmar que estes se deram muito mais pela inovação da utilização da ABP do que, necessariamente, pelo formato remoto, a experiência foi muito positiva. Tão positiva que permanece na disciplina.

Para os **semestres letivos não presenciais** já foi possível aprimorar a implementação da ABP retomando a inserção de outros conteúdos para subsidiar a construção e desenvolvimentos dos projetos educacionais. Os resultados foram projetos com implementação e relatórios mais consistentes evidenciando melhor aprendizado do processo de enfermagem como ferramenta pedagógica. Neste processo, foram mantidas as TDIC's do trimestre excepcional e incrementamos inserindo a produção áudio visual e o *instagram*.

Na **retomada do presencial** que está em vigência “Não adianta fugir; Nem mentir; Pra si mesmo agora” (Santos 1983). Há tantas possibilidades! Não poderíamos abandonar os conhecimentos e habilidades adquiridos durante a pandemia e regredir para as antigas lacunas. Descrevemos a seguir, as TDIC's que estamos mantendo no presencial, como estão sendo utilizadas e suas vantagens.

TDIC's	Uso no presencial	Vantagens
<i>Google Classroom</i>	Espaço de socialização organizada dos desdobramentos do plano de ensino da disciplina	<ul style="list-style-type: none"> - Redução dos ruídos de comunicação - Fácil identificação de pendência na entrega de atividades - Documentação fácil de atraso na entrega de atividades - Melhoria da gestão da escrita colaborativa de artigos, projetos e relatórios. - Curadoria dos materiais utilizados e disponibilizados pela disciplina

Google Docs	<ul style="list-style-type: none"> - Escrita colaborativa de artigos, projetos e relatórios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilita o acompanhamento da participação efetiva de cada membro de uma equipe na elaboração de atividades.
Google Form	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade complementar da aprendizagem - Acompanhamento de estudo dirigido - Avaliações de aprendizado 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilita a representação dos resultados/respostas, tanto de forma individual, quanto através de gráficos e planilhas. - Reduz o custo de impressão - Facilita o controle de prazos de entrega. - Facilita o armazenamento das atividades
Google Meet	<ul style="list-style-type: none"> - Participação de convidados (professores/técnicos do serviço) nas aulas 	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de custos e otimização de tempo de convidados de outras instituições
	<ul style="list-style-type: none"> - Viabilização da aula em caso de impossibilidades de encontro presencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Evita atrasos na programação da disciplina
	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento do desenvolvimento de projetos 	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de custos e otimização de tempo no acompanhamento de projetos desenvolvidos pela disciplina nos domicílios dos discentes e em outras localidades - Possibilita a curricularização da extensão, uma vez que os projetos podem ser atividades extensionistas
Telegram	<ul style="list-style-type: none"> - Troca de mensagens menos formais facilitando a comunicação rápida 	<ul style="list-style-type: none"> - É possível acessá-lo de um computador mesmo sem tê-lo instalado no celular - Os arquivos enviados através dele podem ser apagados do celular sem que sejam perdidos uma vez que permanecem na nuvem - Possibilidade de criar, também, canais. - Permite agendamento de envio de mensagens
Produção de audiovisual	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação para novo tema 	<ul style="list-style-type: none"> - Instiga a curiosidade dos discentes podendo até motivar o discente a ir aprofundar sobre o tema
	<ul style="list-style-type: none"> - Ilustração do tema que está sendo abordado 	<ul style="list-style-type: none"> - Ajuda a compor cenários desconhecidos dos discentes (Ex.: atuação da enfermeira na captação de órgãos para transplante; Na área aeroespacial ou aquaviária)
	<ul style="list-style-type: none"> - Substituir a aula expositiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Otimiza o tempo de sala de aula utilizando para tirar dúvidas e problematizar - Possibilita que os discentes revisitem os conteúdos quantas vezes precisar. - Possibilita utilizar palestras de especialistas disponíveis no <i>Youtube</i>, por exemplo.
	<ul style="list-style-type: none"> - Substituir a apresentação de um seminário ou similar 	<ul style="list-style-type: none"> - Temas densos podem se tornar lúdicos pelo processo dos discentes produzirem os vídeos - Podem ser utilizados como estratégias de avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> - Gravar aulas avaliações práticas de laboratório 	<ul style="list-style-type: none"> - Permite discutir com os discentes os pontos que precisam ser melhorados - Documentar o processo avaliativo
Instagram	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilização dos discentes antes ou após a aula 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilita instigar os discentes antes das aulas mobilizando para a temática que será abordada na aula - Permite que os discentes demonstrem como conseguem expressar o que aprenderam sobre o tema abordado na disciplina

Apesar de o *Google Classroom* ter sido lançado em 2014, ganhou destaque na pandemia uma vez que foi uma das plataformas adotadas pelas escolas. Possibilita a organização dos processos pedagógicos com distribuição de tarefas e possibilitando a interação entre docentes e discentes. (NIENOV; CAPP, 2021)

Dentre as suas funções destaca-se:

criar e gerenciar turmas, atividades e notas on-line; anexar conteúdos às atividades, adicionando links, vídeos do *Youtube*, formulários *Google* ou arquivos do *Google Drive*; enviar *feedback* direto; utilizar o mural para postar avisos e favorecer discussões baseadas nos temas propostos nas aulas... (NIENOV; CAPP, 2021, p.144)

Em qualquer modalidade de ensino, é importante ter um ambiente onde os envolvidos no processo de aprendizagem (discentes e docentes) possam visualizar, de forma organizada, os desdobramentos do plano de ensino da disciplina.

Especialmente quando se utiliza metodologias ativas nas quais atividades antes da aula são imprescindíveis para a sua implementação (Ex.: sala de aula invertida), ter uma plataforma onde todos os discentes possam ter acesso às demandas da disciplina com antecedência da aula é imprescindível uma vez que reduz significativamente os **ruídos de comunicação**.

Antes da pandemia todos os discentes recebiam um tipo de módulo da disciplina. Um livreto com o detalhamento do plano de ensino da disciplina e com o roteiro de cada aula do semestre. Primeiro a distribuição era impressa. Depois impressa e digital. Por último, só digital em pdf e disponibilizado no site da UESC (http://www.uesc.br/nucleos/nepemenf/index.php?item=conteudo_producoes.php). No entanto, era recorrente ter, pelo menos, um discente afirmando que não sabia o que era para ser feito para a aula.

Com a pandemia e o início do ensino remoto, levamos os roteiros dos módulos para o *Google Classroom* e de modo impressionante, nenhum discente chegou a nenhum encontro síncrono sem saber a demanda do dia, qual seria o roteiro da aula. Além da possibilidade de utilizar o mural para comunicar qualquer alteração e/ou ajuste necessário.

Ainda no que se refere a ruído de comunicação, em disciplinas que possuem mais de um professor e/ou bolsista de iniciação à docência não é incomum acontecerem desencontros de informações sobre cronogramas, atividades, horários e/ou recomendações. Como o *classroom* permite convidar outros professores para colaborar (Fragelli, 2020) este problema é

sanado uma vez que todos têm acesso às mesmas informações sejam no mural ou nas atividades.

O único cuidado no presencial é que fique acordado que prevalece o que está registrado no classroom.

Outro problema resolvido foi a questão da entrega de atividades. Não era incomum algum discente afirmar que já tinha enviado alguma atividade ou mesmo perguntar se estava devendo alguma. Sempre deixando aquela dúvida se havia se perdido no e-mail ou se não havia sido entregue. Como no *Google Classroom* “os alunos conseguem acompanhar as tarefas atribuídas pelos professores, enviar respostas das atividades, compartilhar materiais...” (Nienov; Capp, 2021, p.144) estas informações ficam evidentes inclusive destacando se foram entregues na data definida.

Vale ressaltar a facilidade de poder reutilizar uma postagem feita anteriormente e replicá-la em outras turmas facilitando, principalmente, quando temos muitas turmas de uma mesma disciplina. (NIENOV; CAPP, 2021)

Acompanhar a prática da escrita colaborativa de uma turma sempre foi um problema para nós. Já havíamos tentado utilizar o *Google Docs* como ferramenta. Mas, apenas com a sua utilização no contexto do classroom foi que de fato passou a fazer parte da nossa rotina docente. Agora, todo o acompanhamento de escrita de artigos, projetos e relatórios das disciplinas é feito neste contexto.

No caso da disciplina, objeto deste texto, possibilita o acompanhamento da participação efetiva de cada membro de uma equipe na elaboração de todas as partes do projeto educacional utilizado na ABP, em especial, do relatório final. Além de possibilitar a participação das bolsistas de iniciação à docência e de extensão no processo de escrita, também.

Durante a pandemia nos descobrimos curadores de conteúdo e acabamos nos tornando curadores digitais o qual segundo Correia (2018) apud Ovadia (2013, p. 58) é “aquele que seleciona cuidadosamente o conteúdo eletrônico para os usuários, muitas vezes reempacotando-o de novas maneiras.” Exatamente o que costumamos fazer para viabilizar o processo de aprendizagem facilitado pelo Classroom através do drive da turma.

Uma TDIC que se estabeleceu na disciplina de educação e comunicação na saúde neste período pandêmico foi o *Google Form*. Já o tínhamos utilizado para fazer inscrições em eventos. Mas, aprendemos e aderimos à sua utilização como ferramenta de mediação de aprendizagem. Rodrigues e Mendes (2020, p. 13) destacam como possíveis usos: “1.

Questionários de fixação do conteúdo; 2. Revisões de conteúdos de aulas anteriores; 3. Avaliação de aprendizado (provas); 4. Pesquisas científicas; 5. Feedbacks da disciplina ou módulo”.

No caso da disciplina de educação e comunicação na saúde, o *Google Form* se tornou um aliado na complementação do processo de aprendizagem. Antes da aula, registrando o desenvolvimento de estudo dirigido de textos quando solicitadas leituras prévias para discussão na sala de aula. Após a aula para consolidar um tema abordado na sala especialmente quando mediado por jogos, dinâmicas ou discussões de grupo. Possibilitando estratégias diferentes de aprendizagem para os diferentes estilos de aprendizagem dos discentes. Ainda é possível fazer atividades avaliativas, especialmente, no caso de avaliações processuais. Por exemplo, quando utilizamos a aula expositiva e queremos saber se a aprendizagem foi alcançada. Não se pode deixar de registrar a facilidade de armazenamento das atividades reduzindo custos de impressão e o volume de papéis em nossas mesas (ou nossas casas).

Temos, então, o *Google Meet*... Com a possibilidade de fazer vídeo conferências, aulas, reuniões, orientações e webinar, este se tornou o nosso espelho mágico. A janela para o mais próximo do convívio social que podíamos ter naquele momento. Aprendemos que é possível estar juntos em uma sala discutindo e interagindo podendo usufruir do benefício de economizar tempo e custos de deslocamento. Isso abriu novas possibilidades para a disciplina de educação e comunicação na saúde mesmo no presencial, a exemplo da participação de convidados (professores/técnicos do serviço) nas aulas.

Este semestre mesmo já foi possível continuar com uma atividade iniciada no remoto que foi a participação do prof^o Ricardo Dantas, especialista em educação inclusiva, para abordar o tema: Linguagens, Acessibilidade e Tecnologias na Comunicação em Saúde. Tema, ainda, incipiente nas nossas práticas de enfermagem e que a participação do professor tem se mostrado enriquecedora para a formação discente. Contudo, considerando as suas atribuições laborais e do doutorado que está cursando, a sua presença só foi possível graças ao *Google Meet*. E aqui, poderíamos ter utilizado de duas formas: só o professor pelo meet projetado na sala de aula física dentro da universidade ou todos na sala virtual. Os discentes optaram pela sala virtual no intuito de reduzir os custos de transporte e alimentação.

Outra aplicabilidade no presencial é a viabilização da aula em caso de impossibilidades de encontro presencial. Como ainda estamos em período pandêmico, o protocolo da universidade estabeleceu alguns sinais de alerta para o afastamento do discente

ou docente da sala de aula por sete dias. Recentemente, tivemos quatro discentes de outra disciplina que precisaram se afastar. Considerando a metodologia que seria utilizada na aula em que a participação de todos complementaria o processo de aprendizagem, decidimos por fazer a aula no modo virtual, através do *Google Meet*. Assim, todos os discentes participaram, sem ferir o protocolo sanitário e sem comprometer o cronograma da disciplina.

Talvez a herança mais positiva e inusitada que ganhamos com o *Google Meet* foi mais uma ferramenta para viabilizar a curricularização da extensão. Uma vez que a disciplina de educação e comunicação na saúde não tem carga horária prática, os projetos desenvolvidos como estratégia de aprendizagem são implementados em horários distintos da aula, subsidiados pela ação de extensão LABEDUCOM/NEPEMENF. Mas, como precisam atender ao calendário da disciplina, todos precisam ser desenvolvidos, nas residências dos discentes, em um curto período de tempo.

O *Google Meet* nos permite estar nas residências dos discentes e acompanhar a implementação dos projetos educacionais (que são atividades de extensão) com as suas famílias, graças à ausência de custos e otimização do tempo. Assim, hoje podemos ter 50% da disciplina como atividade curricular de extensão.

Uma TDIC que já utilizávamos desde 2016 para nos comunicarmos com os discentes, substituindo o *Whatsapp*, é o ***Telegram***. A escolha foi pelas suas funções, dentre as quais: envio de arquivos acima de 2GB; possibilidade de editar uma mensagem em até 8h (sendo possível corrigir possíveis equívocos que podemos cometer principalmente, quando temos diversas turmas); Permite acesso simultâneo de vários aparelhos; agendamento de mensagens. (NIENOV; CAPP, 2021). É bem verdade que o *Whatsapp* vem se atualizando buscando acompanhar o desempenho do *telegram*. Mas, ainda, optamos por mantê-lo.

O incremento herdado da pandemia foi a criação de um canal da disciplina o qual possibilita compartilhar conteúdos que não são da disciplina, mas que podem complementar os conhecimentos tais como eventos da área, novos artigos, editais, dentre outros. O uso do canal permite ainda a manutenção do vínculo com os discentes mesmo após o encerramento da disciplina de modo a poder continuar estimulando o seu aprendizado.

Temos, então, a **produção de audiovisual**. Que desafio! Como assim, enfermeiras comunicólogas?! Blogueirinhas?! *Youtubers*?! Marketeiras?! *Designer* gráfica?! Já não bastavam todas as atribuições inerentes à profissão?! Mas, é o advento dos novos tempos. Se os discentes aprendem mais nas telas, porque não produzirem conteúdos para as mesmas?!

Participando das discussões do Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação – GEPeCE, do CNPq ficava a cada dia mais evidente a importância do audiovisual para o processo de aprendizagem desta geração. Comé e Stevens (2020) destacam tantas possibilidades tais como vídeo educativo, vídeo didático, vídeo instrucional, vídeo educacional, entre outros. Segue instigando quando descreve as suas diferenças, desconstruindo a ideia de que podem ser sinônimos. E nos convence da relevância deste recurso quando enfatiza que a linguagem visual provoca novas estruturas cognitivas, relacionais e contextuais.

Comé e Stevens (2020) citando (MORAN, 1995) destacam algumas possibilidades de utilização de recursos audiovisuais na sala de aula tais como: motivação, ilustração, simulação, contexto de ensino, produção, integrando o processo de avaliação e “espelho”.

Na disciplina educação e comunicação na saúde estamos utilizando fragmentos de alguns vídeos para complementar conteúdo abordado em textos. Outra aplicação tem sido os discentes produzirem um vídeo, simulando que estão sendo entrevistados sobre o tema Técnicas Educacionais. Esta experiência tem tido resultados muito positivos possibilitando um vasto conteúdo de forma muito instigante e divertida para os discentes.

Vale ressaltar que muito antes da pandemia, já utilizávamos o “**audiovisual “espelho”** no qual vemo-nos no ecrã e isso possibilita compreender-nos, descobrir o nosso corpo, os nossos gestos, os nossos tiques” (COMÉ E STEVENS, 2020 citando MORAN, 1995). Era em uma disciplina prática. Filmávamos a simulação de consulta de enfermagem hebiátrica desenvolvida no laboratório de habilidades e posteriormente as próprias discentes se auto-analisavam. Com resultado muito positivo e pouco equipamento: um celular ou uma câmera fotográfica.

Sem dúvidas, continuaremos utilizando a **produção de audiovisual** no presencial. Aprendendo cada vez mais e aprimorando o seu uso.

Mas, de todas as TDIC já citadas, a mais improvável e que jamais poderíamos imaginar que utilizaríamos como estratégia de aprendizagem é o Instagram.

Uma rede social online de compartilhamento de imagens, vídeos e mensagens privadas e públicas entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em outras redes sociais, como Facebook, Flickr, Twitter. É mais indicado para posts de imagens. (CORRÊA e CASTRO, 2020, P.80)

Dentre outras funcionalidades, este é um recurso ideal para “conteúdos objetivos e, além de promover o debate entre os alunos e convidados por meio das caixas de perguntas”. (MENDES; SOUSA; COLLARES, 2020, P.85).

Contudo, o primeiro desafio foi transcender a rejeição às redes sociais as quais não eram utilizadas nem mesmo no âmbito pessoal. A outra foi compreender como funciona e depois como poderia utilizá-la. Atualmente, o instagram tem sido utilizado para complementar o processo de aprendizagem sobre Linguagens, Acessibilidade e Tecnologias na Comunicação em Saúde. Quando, depois da intervenção do professor convidado, os discentes são desafiados a criarem conteúdo para os seus perfis de instagram abordando o tema e compartilhar a postagem com a turma.

Também se tornou uma estratégia para trabalhar a responsabilidade dos discentes e futuros profissionais de saúde nas redes sociais incrementando o conteúdo da disciplina Aspectos Éticos e Legais da Comunicação na Enfermagem. Possibilitando refletir e discutir sobre “os critérios norteadores das práticas de uso e de comportamento dos profissionais de enfermagem, em meio de comunicação de massa, na mídia impressa, em peças publicitárias, de mobiliário urbano e nas mídias sociais” preconizados pelo COFEN (2017)

É claro que ainda é uma aplicação muito incipiente frente a tantas possibilidades. Mas, já foi um avanço para alguém que continua sem utilizar esta rede social no pessoal, mas que consegue agregá-la ao seu repertório de estratégias pedagógicas e continua utilizando mesmo no presencial.

Isso significa que sempre é tempo dos docentes serem aprendentes... Porque como diria Paulo Freire (1996, p.50) “ensinar exige consciência do inacabamento”, exige que sejamos aventureiros “predispostos à mudança, à aceitação do diferente”. E que mudança que enfrentamos!

Imbuídos do esperar docente nos lançamos no enfrentamento da “história como possibilidade e não como determinação” entendendo que “o mundo não é. O mundo está sendo.” (Freire, 1996, p.76). Tornamo-nos sujeitos da história e nos apropriamos dos aprendizados não apenas para nos adaptarmos ao ensino remoto, mas para mudarmos a realidade das nossas salas de aula no presencial pós-pandemia.

O Que te Faz Mais Forte

Existem duas formas de passar pela vida: remoendo o sofrimento e se afundando nele cada vez mais ou com resiliência. Não negando o sofrimento, mas resignificando-o e

descobrimo novas potencialidades que não eram conhecidas. Fazendo-nos mais fortes e ainda melhores do que éramos antes.

Durante a pandemia continuamos utilizando algumas TDIC's que já utilizávamos, aprendemos novas e experimentamos outras jamais imaginadas. Sem ignorar nenhum dos impactos negativos da pandemia sobre os indicadores de educação, especialmente no Brasil, não podemos deixar de constatar que tivemos heranças positivas. Traçamos novos caminhos de aprendizagem que serão mantidos e aprimorados no presencial pós-pandêmico.

O presente texto apresentou, apenas, as experiências a partir da disciplina educação e comunicação na saúde. Contudo, é preciso destacar que estas, também, estão sendo vivenciadas em outras disciplinas que ministramos e por outros colegas. Mas esta é uma história para outro artigo...

Referências

ATKINS, Peter Willian; JONES, Loretta. **Princípios de química**: questionando a vida moderna e o meio ambiente. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BITENCOURT, Aretusa de Oliveira Martins; SANTANA, Ricardo Matos; GUERREIRO, Kátia Bomfim de Carvalho (organizadores). **Educação na saúde**: buscando competências e habilidades do enfermeiro educador. Ilhéus, BA: UESC/DCS, 2018.

BRANDÃO, Arnaldo Pires; NETO Agenor De Miranda Araújo. **O Tempo Não Para**. Álbum: O tempo não para. Intérprete: Cazuza. Gravadora Philips Records. Rio de Janeiro, 1988.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2891, de 03 de setembro de 2015**. Altera a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que regulamenta o exercício da enfermagem, para nela incluir a obrigatoriedade de formação exclusivamente em cursos presenciais para os profissionais da área. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 1171, de 26 de fevereiro de 2019**. Dá nova redação ao artigo 80 da Lei nº 9.394, de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019.

BUTANTAN. Instituto Butantan. **Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade?** 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **RESOLUÇÃO COFEN Nº 554/2017**. Brasília, DF, 17 de julho de 2017.

COMÉ, Calisto David; STEVENS, Leandro. Usos, práticas e critérios de avaliação da linguagem audiovisual para educação. In: ROSA, Rosane; OLIVEIRA, Andreia Machado; SINGO, Felix (Orgs.). **Mediações educacionais e interculturais entre Brasil e**

Moçambique [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi/Maputo, MOZ: Editora Educar, 2020.

CORRÊA, Denise Mesquita; CASTRO, Luciano Patrício Souza de. (Or.). **Cartilha do docente para atividades pedagógicas não presenciais**. [recurso eletrônico]. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2020.

CORREIA, Ana Paula. As múltiplas facetas da curadoria de conteúdos digitais. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 14, Set/Dez 2018.

DELORS, Jacques et al. **EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 2010.

DYNIEWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. Difusão Editora. 2. ed. São Caetano do Sul: 2014.

FERRARI, Andrés; CUNHA, André Moreira. **A pandemia de Covid-19 e o isolamento social: saúde versus economia**. UFRGS, Seção Coronavírus, 30 de mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo; GAYA, Anelise Reis. **Relato de experiência: roteiros para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura**. Curitiba: CRV, 2018

GOEDERT, Lidiane; ARNDT, Klalter Bez Fontana. Mediação Pedagógica E Educação Mediada Por Tecnologias Digitais Em Tempos De Pandemia. **Criar Educação**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 104, 2020.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação**. 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 13. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.

MENDES, Luan dos Santos; SOUSA, Ilana D'Avila Fonteles de; COLLARES, Patrícia Moreira Costa. Instagram como ferramenta de produção de eventos e aulas remotas. In: SILVA, Andréa Soares Rocha da; MENDES, Luan dos Santos; NÓBREGA, Paula Pinheiro da. (Org.) **Produção de aulas remotas: tutoriais e guias didáticos**. Fortaleza: Grupo Educação, Tecnologia e Saúde da Universidade Federal do Ceará, 2020.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 174p.

NIENOV, Otto Henrique; CAPP, Edison. (Org.) **Estratégias didáticas para atividades remotas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19)**. 2020..

PALÚ; Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. (Org.) **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

RODRIGUES, Daniele Magalhães; MENDES, Luan dos Santos. Tutorial de utilização do *Google Forms*. In: SILVA, Andréa Soares Rocha da; MENDES, Luan dos Santos; NÓBREGA, Paula Pinheiro da. (Org.). **Produção de aulas remotas: tutoriais e guias didáticos**. Fortaleza: Grupo Educação, Tecnologia e Saúde da Universidade Federal do Ceará, 2020.

SANTOS, Lulu. **Como uma onda**. Álbum: O Ritmo do Momento. Gravadora Warner Music Brasil. Rio de Janeiro: 1983

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. **Educação Online: aprender ensinar em rede**. Informática na Educação: Série de livros-texto da CEIE/SBC.

SANTOS, Edméa. O ensino híbrido como “a bola da vez”: Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia? Notícias, **Revista Docência e Cibercultura**, jun. 2021.

SOUSA, Socorro de Maria Rodrigues et al. Estratégias tecnológicas utilizadas no ensino durante a pandemia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, e20911124762, 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação: da interrupção à recuperação**. [s.d.].

VALENTE, José Armando. Inovação nos processos de ensino e de aprendizagem: o papel das tecnologias digitais. In: VALENTE, José Armando; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis. (Org.). **Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir**. Campinas, SP: NIED/UNICAMP, 2018.

Recebido em: 30 de abril de 2022.

Aprovado em: 20 de junho de 2022.